

A Vertente Mattelart como pensamento comunicacional crítico

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

Universidade Federal de Rio Grande do Norte, PpgEM – UFRN, Natal, RN, Brasil.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Titular da cátedra Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal)

Armand Mattelart. Coordenador geral para a América Latina da Rede Amlat.

E-mail: efendymaldonado@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5704-4544>.

Roseli Figaro

Professora titular da Escola de Comunicações e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo.

E-mail: roselifigaro@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9710-904X>.

Resumo: Em homenagem à trajetória de Armand Mattelart (1936-2025), Comunicação & Educação publica artigo de introdução ao Dossiê sobre os Mattelart, editado para a revista Matrizes, v.14, n.20, 2020. Pensador da comunicação e da cultura a partir da América Latina, Mattelart nos oferece uma obra singular para a compreensão crítica do campo das ciências da comunicação. A obra de Mattelart oferece rica contribuição sobre o papel que os pesquisadores e as pesquisadoras da Comunicação desempenham na correlação de forças entre o popular e o hegemônico na geopolítica contemporânea.

Abstract: In honor of Armand Mattelart's career (1936-2025), Comunicação & Educação publishes an introductory article to the Mattelart Dossier, edited for Matrizes Journal, v. 14, n. 20, 2020. A thinker on communication and culture from Latin America, Mattelart offers us a unique work for the critical understanding of the field of communication sciences. Mattelart's work offers a rich contribution to the role that communication researchers play in the correlation of forces between the popular and the hegemonic in contemporary geopolitics.

Recebido: 5/11/2025

Aprovado: 20/11/2025

PREFÁCIO PÓSTUMO

O grande teórico e pesquisador Armand Mattelart fez sua passagem existencial na sexta-feira, 31 de outubro de 2025, próximo a completar noventa anos de vida. Sua existência infantil foi marcada pela guerra, dado que nasceu em 8 de janeiro de 1936 em Jodoigne, parte francófona da Bélgica. Ficou entusiasmado pela riqueza e potência de transformação cultural e política da América Latina e migrou para o Chile, país no qual pode se formar como um desbravador da pesquisa crítica em Ciências da Comunicação, gerando investigações e obras estratégicas para compreendermos a Comunicação Mundo. Ele trabalhou em funções importantes na Universidade Católica de Santiago do Chile e no governo socialista de Salvador Allende. Esteve entre os alvos de destruição da ditadura de Pinochet, mas um conjunto de fatores solidários tornaram possível o asilo político e a posterior saída para a França, outro território/país de adoção. Junto de Michèle Mattelart, sua companheira de toda a vida, a produção intelectual e a militância constituem um legado crucial para o conhecimento em comunicação, e um exemplo paradigmático de existência comprometida com as causas da transformação social em prol dos povos da América Latina e do mundo. Que sua sabedoria, conhecimento, valentia, entusiasmo e alegria nos acompanhem nos difíceis desafios que o presente nos coloca. Como forma de homenagem à memória de Armand Mattelart, publicamos este artigo, cuja primeira edição fez parte da Introdução ao Dossiê sobre os Mattelart¹.

A constituição do campo das ciências da comunicação na América Latina tem como protagonistas estratégicos Armand e Michèle Mattelart, casal de pensadores e pesquisadores de origem europeia que assumiram o desafio radical de desconstrução intelectual, existencial, política e estrutural, ao transformar-se e alfabetizar-se como seres latino-americanos e adotar nossa América como biosfera crucial de sua existência e de sua produção investigativa. Essa parceria existencial, política e científica configurou, desde o início da década de 1960, uma história e uma competência de conhecimentos vigorosa. Não obstante — e do ponto de vista epistemológico ainda mais importante —, a imersão latino-americana dos Mattelart confrontou, misturou, desconstruiu, reformulou e aprendeu os conhecimentos e as sabedorias indo-afro-mestiço-americanas. À diferença dos milhares de especialistas e intelectuais que se aproveitam de nossa América para lucrar como reprodutores do logocentrismo e do etnocentrismo eurocêntrico, a dupla Mattelart chegou para aprender, trabalhar, lutar, existir e amar os processos socioculturais, educativos, investigativos e constitutivos do pensamento comunicacional crítico no continente. Em inícios da terceira década do século XXI, com sua já longa e frutífera caminhada, Armand (8/1/1936) e Michèle (22/9/1941), organizamos este artigo [publicado como Introdução em Matrizes] como uma contribuição ao conhecimento, estudo e debate sobre essa importante vertente crítica em ciências da comunicação. Uma premissa central, que cabe apontar de partida, é que estamos nos referindo ao pensamento crítico emancipador em comunicação. Nessa perspectiva, Michèle e Armand Mattelart, assim como outros colegas que estabeleceram parcerias com eles,

1 Disponível na revista Matrizes, v.14, n. 20, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1y82-8160.v14i3p7-25>.

têm contribuído na perspectiva epistemológica histórica ao conhecimento, à reflexão, à reconstrução e à rearticulação das teorias, trajetórias e estratégias em comunicação de maneira destacada. De fato, seu trabalho crítico sistemático, cuidadoso, aberto, transdisciplinar e transmetodológico tem favorecido os processos de formação de pesquisadores(as), pensadoras(es) e profissionais da comunicação de modo consistente, amplo e revitalizador.

Na dimensão crítica, epistemológica, cabe mencionar a obra *Pensar sobre los medios: comunicación y crítica social* (Mattelart; Mattelart, 2004), em que Michèle e Armand analisam profundamente a problemática da transdisciplinaridade, das encruzilhadas teóricas eruditas e das tentações metafóricas presentes nos afazeres teóricos especulativos. Os autores mostram nessas argumentações a consequente carência epistemológica de um conjunto numeroso de discursos sobre a comunicação. Problematizaram também os paradigmas teóricos preponderantes no contexto internacional, como a amplamente divulgada teoria da informação, e problemáticas teóricas sobre a pós-linearidade, o poder negociado, o retorno do sujeito, e os procedimentos de consumo. Nas inter-relações entre cultura midiática e intelectuais, argumentaram sobre os desafios do prazer popular como revelação, as dicotomias cultura negativa/cultura afirmativa e pesado/leve. Abordaram também a problematização do suposto ocaso do macro/sujeitos: Estado, indústrias culturais e a cosmo-biológica do *homo deregulatus*. Para completar essas problematizações, no contexto conservador da queda do socialismo da Europa Oriental e do auge do neoliberalismo, argumentaram sobre a crise dos paradigmas, a sobrevivência da dialética e o reencontro do popular.

Armand e Michèle Mattelart produziram um livro de síntese organizativa pedagógica para se aproximar a um conhecimento crítico do campo da comunicação: *História das teorias da comunicação* (1999), um texto que vai oferecer aos professores(as), estudantes, profissionais e pesquisadoras(es) uma articulação e orientação relevantes sobre as *teorias da comunicação*, que constitui uma visualização epistemológica analítica dialética esclarecedora. A obra define uma estrutura diferenciada em relação aos manuais estruturais funcionalistas e aglutina as teorias em sete eixos: 1) o organismo social (a configuração do mundo capitalista como base real da midiaticização); 2) os empirismos do Novo Mundo (a importância da Escola de Chicago; a posterior hegemonia da *Mass communication research*); 3) a teoria da informação (a versão linear tecnicista de Shannon; o contraponto cibernético social [Wiener; Palo Alto]); 4) a indústria cultural, a ideologia e o poder (Frankfurt; estruturalismo; estudos culturais); 5) a economia política (a dependência cultural; as indústrias culturais); 6) o retorno do cotidiano (etnometodologias; ator/sistema; agir comunicativo; a virada linguística; as etnografias de audiências; usos e gratificações; o consumidor/usuário; estudos culturais feministas); e para finalizar, 7) a influência da comunicação (a figura da rede; o difusionismo; as ciências cognitivas; o planeta híbrido e novas hierarquias do saber). Desse modo, os Mattelart condensaram e articularam problemas teóricos estratégicos para o pensamento em comunicação, mediante exposições esclarecedoras, organizadoras e inter-relacionais,

que têm contribuído decisivamente, desde 1995, para a qualificação crítica universitária na área.

A problemática da constituição histórica de condições de produção e de sistemas e modelos sociais *mediatizados* tem sido pesquisada e reformulada sistematicamente por mais de cinco décadas pela vertente Mattelart. Entre as dezenas de livros importantes, salienta-se, de início, *Multinacionais e sistemas de comunicação* (Mattelart, 1976). O livro foi resultado de pesquisas e estudos de campo que permitiram conhecer, descrever e sistematizar os componentes da *electronic warfare*, os processos midiáticos de multinacionalização, a difusão de tecnologias espaciais, as novas pedagogias mediatizadas (teleducação), as transformações na imprensa e no cinema, o crucial processo de marketing da política e as transfigurações dos símbolos imperiais.

Na linha epistemológica histórica, a vertente gerou a obra *Comunicação-Mundo: história das ideias e das estratégias* (Mattelart, 1994), que deu continuidade às pesquisas realizadas e representou um salto dialético em termos epistemológicos e teóricos ao organizar uma compreensão aprofundada e renovadora sobre a dimensão comunicacional no sistema-mundo. A obra é organizada em três grandes partes: I) A guerra (cinco capítulos); II) O progresso (três capítulos); e III) A cultura (três capítulos), para pensar e problematizar a comunicação. Esses títulos, que se apresentam um tanto genéricos numa primeira aproximação, ganham concretude e força de realidade mediante os componentes de análise estabelecidos. Na primeira parte, aborda-se a problemática das redes técnicas de comunicação, a era das multidões, a gestão da grande sociedade, o choque ideológico e a escola da astúcia. Nessas problematizações, combina-se um conjunto valioso de informações, argumentos e potências que mostram a associação de estratégias midiáticas e comunicacionais em profunda inter-relação com ações geopolíticas, militares e econômicas. Na segunda parte, problematiza-se o paradigma do progresso e combinam-se análises transdisciplinares para abordar o problema/objeto do progresso na sua diversidade política e sociológica. A comunicação emerge como uma complexa *aldeia global, cidade global, o cérebro do planeta* inter-relacionando mitos, negócios, poderes, sociedades e universalismos subversivos. Mostra-se também a capacidade sistêmica de gerar ilusões de mudança e de esperanças crescentes, a partir da teleducação e do mercadejo das expectativas de vida. Para fechar essa parte, discutem-se os fluxos de informação e de comunicação internacional que garantiram a concentração de poderes midiáticos, mediante discursos de liberalização, democratização e tecnologização. A terceira parte trata da categoria cultura, destacando-se nela as necessidades sociopolíticas de sua existência e as mudanças na participação do Estado e dos sistemas midiáticos nas configurações culturais. Enfatiza-se como crucial o predomínio da geoeconomia na construção de uma cultura global (modos de gestão, padronizações, ofertas e exclusões). Finalmente, argumenta-se sobre a estratégica participação das mediações e das mestiçagens na ofensiva das culturas. Nesse capítulo, apresentam-se as expectativas de mudança e de transformação comunicacional, renovadoras para a comunicação-mundo.

2 Obra publicada originalmente pela editora La Decouvert, Paris, em 1994.

Na pesquisa *A invenção da comunicação* (Mattelart, 1996²), há uma reconstrução histórica detalhada dos processos de instauração dos sistemas midiáticos no mundo. A obra é organizada em quatro partes: 1) A sociedade de fluxo; 2) As utopias do vínculo universal; 3) O espaço geopolítico; e 4) O indivíduo medida. Na primeira parte, são apresentados os aspectos tecno-filosóficos que possibilitaram estabelecer uma razão técnica com pretensões universalistas e que, simultaneamente, orientaram os estrategistas, engenheiros e governantes na construção dos sistemas necessários para a expansão do capital. Problematisa-se também a razão estatística, a razão técnica e as novas tecnologias de comunicação e de transporte que possibilitaram a construção de redes ferroviárias, de telégrafos, das máquinas ferramentas e das bases infraestruturais para os meios de comunicação de massas. Apresenta-se uma combinação das propostas da economia política de Adam Smith, das contribuições do positivismo francês (Comte) e do positivismo britânico (Spencer). Incluem-se a influência decisiva do evolucionismo darwinista, as teorias e os desenhos sobre a divisão social do trabalho mental de Babbage e Wakefield, e a consequente generalização da teoria do progresso. Na segunda parte, o culto da rede posto em pauta, mostrando como já nos séculos XVIII e XIX, a construção de redes espirituais e materiais era um eixo central da transformação do mundo (redes industriais, canal de Suez, estradas de ferro e anúncios publicitários, como legado do *saint-simonismo*). O segundo capítulo dessa parte é *O templo da indústria*, em que se mostra a construção sistêmica das indústrias e a consequente transformação das formações sociais, das culturas, dos meios de comunicação, dos modos de enunciação e das espacialidades e temporalidades sociais. No terceiro capítulo trata-se da cidade comunitária, que pensa as propostas de construção de alternativas de sociedade em contraposição à lógica avassaladora do capital. Para essa análise, são convidados anarquistas, socialistas e comunistas utópicos, assim como os anti utópicos. No quarto capítulo, aborda-se a hierarquização do mundo mediante uma argumentação forte sobre a instauração de novos arranjos de poder mundial. No quinto, sobre propagação simbólica, são apresentadas argumentações importantes sobre as inter-relações entre instituições religiosas e os novos modos midiáticos de produção simbólica. Mostra-se como tanto o *positivismo* quanto os discursos e poderes eclesiásticos intervieram na constituição dos sistemas midiáticos. No último capítulo da terceira parte, *O pensamento estratégico*, argumenta-se sobre os profundos vínculos entre teorias técnicas, teorias geopolíticas, informacionais e comunicacionais, e a instauração do sistema-mundo do poder político, econômico e simbólico. Finalmente, na quarta parte do livro, ao problematizar *O indivíduo medida*, analisa-se o perfil das multidões, trazendo o conjunto de teóricos que precederam e fundaram as primeiras teorias sobre os processos sociais de transformação midiática. Trata-se também sobre o motor humano, que mostra como o conhecimento tecnocientífico se colocou a serviço da organização da produção material e simbólica para aumentar a eficiência e a produtividade em proveito do grande capital. No capítulo final, *O mercado dos alvos*, são discutidas as primeiras redes

publicitárias, o nascimento do marketing; os gêneros populares de comunicação, como o folhetim, e questiona-se o ataque a culturas da preguiça e da festa, concebidas na ótica positivista como expressões negativas para a cultura da acumulação, da competência, do lucro e da eficiência.

Nessa mesma linha de reconstrução histórica do processo de constituição do sistema da comunicação-mundo está a pesquisa sobre a *História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global* (Mattelart, 2002b), publicada pela primeira vez em Paris em 1999. Nessa investigação histórica, apresenta-se, primeiro, como o elo cristão expandiu o logocentrismo europeu e contribuiu para instaurar o colonialismo e o complexo sistêmico capitalista na América. A segunda parte retrata a Cosmópolis com seus componentes de sistema de paz perpétua, da razão universal, do espírito positivista e sua invasão do mundo. Aparecem também as humanidades socialistas pré-científicas e reflete-se sobre a rede, a técnica e o novo sentido do mundo, que a existência de utopias e de realidades de expansão cultural simbólica representavam. Relata ainda a função planetária do cinematógrafo e as redes igualitárias na era neo-técnica. Propõem-se novas redes de inter-relação no mundo, interdependências e questiona-se a estratégia de americanizar o mundo. Os argumentos sobre a Cosmópolis são finalizados com os Estados Unidos do mundo em tempos de guerra, onde as estratégias, as lógicas, os complexos e as culturas da guerra imperam como necessidade básica de funcionamento sistêmico. A pesquisa se complementa com a parte sobre Tecnópolis, que se inicia com uma crítica epistemológica à pretensão, insólita e logocêntrica, de uma cultura e ciência universal europeias. Aborda as contradições e o diálogo de surdos entre a Europa das Luzes e a América multicultural (diversa e potente). O condicionamento internacional do modelo de modernidade estadunidense é retratado com sua força organizativa, técnica e simbólica, que nega o valor e a existência de alternativas socioculturais. Problematisa-se a construção de um planeta maniqueísta e esquizofrênico que gerou a guerra psicológica, as confrontações ideológicas maximalistas entre nazistas, fascistas, estalinistas e imperialistas. Descreve, analisa e interpreta a revolução gerencial que instaurou os rumos para a sociedade da informação, e a pretensão de uma cidade global sob os princípios da religiosidade marqueteira e da geopolítica militarista internacional. Apresentam-se as estratégias *think globally* e as ações locais. Formula-se uma crítica do discurso milenarista da *global democratic marketplace*, que reduz a vida, as culturas e as formações sociais a um mercado global controlado.

A pesquisa histórica da vertente Mattelart gerou, também, a publicação de *História da sociedade da informação* (Mattelart, 2002a³). Obra que discute o culto do número, um dos aspectos preponderantes das lógicas investigativas conservadoras, funcionais e positivistas. Questiona a constituição da indústria científica, o enquadramento da ciência em padrões empresariais e a prefiguração da sociedade das redes. As implicações geopolíticas e científicas da emergência das máquinas da informática e as profundas mudanças na logística do pensamento são evidenciadas. A vertente aborda, analisa, critica e reflete sobre as implicações

3 Publicado primeiro em Paris, em 2001, por Editions La Découverte; no Brasil, pela Loyola, São Paulo, 2002.

dessa profunda transformação do mundo gerada pelas invenções livres e pela tecnociência industrializada. Argumenta sobre os cenários pós-industriais, em especial a geopolítica da era global. Problematisa as metamorfoses das políticas públicas e as consequências da instauração de modelos de desregulamentação neoliberal nos Estados. Critica a pretensão imperial de um mundo unipolar, a ilusão de um capitalismo sem atritos e apresenta a potência histórica do que concebe como arquipélago das resistências.

O problema da Mundialização da comunicação (Mattelart, 1999)⁴ vai ser trabalhado na mesma linha epistemológica dos livros publicados nos anos 1990, que configura um conjunto histórico importante sobre a constituição, a instauração, o funcionamento, a penetração e o sentido filosófico, geopolítico e econômico do complexo comunicação-mundo. É interessante constatar que, já no início da década de 1980, Mattelart e Schmucler (1983) abordariam a problemática que definiram como *América Latina en la encrucijada telemática*. Ali formularam uma crítica profunda e sistemática ao processo de privatização do consenso, às novas regras econômicas neoliberais e às estratégias transnacionais de informatização do mundo. Discutiram, também, a institucionalização informática dos Estados que, na nova configuração, se distinguiriam por estar desequilibrados, mascarados, espionados e integrados na dependência econômica, política e militar.

A questão histórica dos processos sistêmicos de informatização e comunicação mundial vai ser completada com a obra *Un Mundo Vigilado*⁵ (Mattelart, 2009), que estrutura argumentações históricas, políticas e arqueológicas sobre a constituição das sociedades informatizadas e midiaticizadas do século XXI. A primeira parte mostra que disciplinar/gerenciar como a gestão das sociedades contemporâneas tem uma trajetória de institucionalização de sistemas de disciplinarização e de vigilância combinados com sistemas de produção de propaganda, publicidade e informação para administrar o consenso e o consumo. Os autores analisam a confluência de desenhos *científicos* na biologia, na medicina, na física, na estatística, na geopolítica e na economia política para instituir a disciplinarização e o gerenciamento das *massas*. Na segunda parte, concentram hegemonizar/pacificar na problematização das realizações do complexo industrial/informacional/militar como sistema de sistemas que têm conseguido estabelecer um poder mundial hegemônico. Nessa linha, anunciam os processos históricos de Argel, Chile, Iraque e as estratégias de controle militar na América Latina. Na terceira parte, segurar/[in]assegurar expõe a configuração sistêmica instaurada no século XXI, na qual se produz uma nova ordem interior pela ação das máquinas de vigilância — câmeras nos espaços públicos urbanos; sistemas de espionagem generalizados (Sistema Echelon⁶, por exemplo etc.) —, que produzem informações e fichamento digital do conjunto da população; inventam e operacionalizam dispositivos de observação, registro e controle da cidadania mediante aplicativos instalados nos micro e nanocomputadores. Salienta-se a combinação de estratégias político-militares macro, como o *USA Patriot Act*, que tem permitido internacionalizar a tortura,

4 *La Mondialisation de la Communication*, Paris, Presses Universitaires de France, 1996; a edição espanhola pela Paidós Ibérica, Barcelona, 1998.

5 Publicado originalmente em francês em 2007, pela Découverte, sob o título *La Globalisation de la Surveillance: Aux Origens de l'Ordre Sécuritaire*.

6 “O Echelon é um sistema de vigilância, instalado e operado pela NSA - US National Security Agency (Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos) —, com excepcional capacidade para interceptar, localizar, ouvir, gravar e decodificar mensagens [...]”. Veio a público em 1999 e passou a ser denunciado a partir de 2000. Mais informações em: Potengy, S. Echelon X segurança nacional. Revista ESG. <https://revista.esg.br>. Também em Observatório da Imprensa. Ver mais em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed691-o-sistema-echelon-de-vigilancia-global/>

sequestrar cidadãos de todos os continentes, quebrar as normas internacionais jurídicas, desenhar a extremamente eficiente *lawfare* (advocacia de guerra), que tem fragmentado projetos, países e sociedades. É interessante constatar a coincidência histórica da *censura* editorial ou, em termos marqueteiros, *não interesse em publicar*, no Brasil, dessa importante investigação; como também da obra *De Orwell al cibercontrol*, de Mattelart e Vitalis (2015), que dá continuidade às questões do controle, da vigilância, da gestão da força de trabalho, do tempo, da espionagem generalizada, dos golpes de Estado informáticos (com singular continuidade na segunda década do século XXI na América Latina); da exploração mercantil dos dados pessoais; da febre da segurança; do cibercontrole invisível e móvel. São pesquisas e sistematizações de informação estratégicas, cruciais para o conhecimento dos cidadãos do mundo que, lamentavelmente, nem sequer em boa parte da comunidade acadêmica em comunicação estão estudadas e trabalhadas em profundidade.

As contribuições teóricas e epistemológicas da vertente Mattelart para temas relacionados à cultura têm sido singularmente valiosas. É assim que, já nos anos 1960–1970, pesquisavam e problematizavam os gêneros e as estratégias midiáticas de ampla penetração. A vertente foi pioneira na América Latina em assumir, como objetos-problema nobres de investigação científica, os quadrinhos (Dorfman; Mattelart, 1972), as fotonovelas, as telenovelas (Mattelart; Mattelart, 1989), os seriados radiofônicos e televisivos, e a informação jornalística (Mattelart; Mattelart, 1976). A postura epistemológica crítica sobre a realidade latino-americana e mundial fez que trabalhassem a categoria cultura em termos de frentes culturais (Mattelart; Mattelart, 1977), geopolíticas (Mattelart, A., 1993), crítica das mídias (Mattelart; Delcourt; Mattelart, 1987), diversidades (Mattelart; Piemme, 1981; Mattelart, 2005), estudos culturais (Mattelart; Neveu, 2004), publicidade (Mattelart, 1991⁸) e tecnologia (Mattelart; Stourdze, 1984).

Michèle Mattelart tem sido articuladora estratégica dos temas comunicacionais trabalhados pela vertente, tanto em *Pensar as mídias* (Mattelart; Mattelart, 2004) quanto na *História das teorias da comunicação* (Mattelart; Mattelart, 1999), sua participação epistemológica fortalece e amplia a compreensão sobre nosso campo de conhecimento e de trabalho. As pesquisas sobre fotonovelas e telenovelas ganharam em sensibilidades, reflexões, olhares e visualizações profundas. Na dimensão política, a obra de Michèle Mattelart, *Comunicación e ideologías de la seguridad* (1978), mostra a clareza crítica do seu pensamento a respeito dos poderes hegemônicos vigentes na América Latina e no mundo. Em sua vasta e valiosa produção, Michèle Mattelart tem pesquisado os problemas de gênero relacionados com as estruturas e configurações culturais predominantes. São representativas, nessa ordem, suas obras *La cultura de la opresión femenina* (Mattelart, 1977) e *Mujeres e industrias culturales* (Mattelart, M., 1982). Antes disso, já em finais dos anos 1960, no seu primeiro estudo, *La mujer chilena en la nueva sociedad* (Mattelart; Mattelart, 1968), mostrou sua fortaleza teórica crítica ao analisar o modelo de controle da natalidade estadunidense, que se utilizava dos símbolos femininos midiáticos para influenciar nos comportamentos das

7 Publicação original em francês: *Le Profilage des Populations*. Editions La Découverte, 2014.

8 Edição original francesa: *La Découverte*, 1990.

mulheres latino-americanas, crítica essa ao modelo *difusionista* esclarecedora e potente. Nas obras citadas, Michèle Mattelart critica o papel da mulher nas sociedades patriarcais de opressão, com seu olhar afinado sobre o cotidiano como temporalidade social crucial e das estratégias midiáticas (fotonovelas, revistas femininas, telenovelas, seriados, programas sobre mulher), como programação concreta que reproduz os esquemas, hábitos, naturalizações e poderes dos sistemas de opressão feminina.

Michèle Mattelart tem construído argumentos transdisciplinares, crítico-dialéticos e transmetodológicos que combinam visualizações históricas cruciais sobre a luta da mulher pela sua emancipação e libertação. Para isso, tem articulado aspectos classistas, midiáticos, territoriais, econômico-políticos, de gênero, de poderes transnacionais e de alternativas de resistência e de mudança, em profunda inter-relação com a transformação integral do mundo.

A vertente Mattelart tem se nutrido de valiosas parcerias e colaborações mediante a organização de coletivos, centros, revistas, assessorias e missões internacionais que têm tornado possível um trabalho epistemológico, teórico e metodológico frutífero e de significativa participação nos processos históricos latino-americanos e mundiais. As cooperações solidárias com países em situação de marginalização, ataque, bloqueio, pobreza e necessidade de fortalecimentos de suas condições de produção educativa, comunicativa, política e cultural são exemplares. Os prêmios, reconhecimentos, doutorados *honoris causa*, professor emérito etc., em nível internacional, expressam em parte a potência dessa vertente, que tem brindado um conjunto fecundo de pesquisas, teorias e visualizações epistemológicas necessárias para a continuidade do fortalecimento do campo de conhecimento em comunicação e, principalmente, para a imprescindível transformação do mundo em perspectiva ecológica, digna, justa e libertária.

REFERÊNCIAS

- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para leer al Pato Donald:** comunicación de masas y colonialismo. Madrid: Siglo XXI Editores, 1972.
- MATELART, Armand. **Multinacionais e sistemas de comunicação.** São Paulo: LECH Livraria e Editora Ciências Humanas, 1976.
- MATELART, Armand. **La publicidad.** Buenos Aires: Paidós, 1991.
- MATELART, Armand. **Geopolítica de la cultura.** Cidade do México: Editorial Trilce, 1993.
- MATELART, Armand. **Comunicação-mundo:** história das ideias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MATELART, Armand. **A invenção da comunicação.** São Paulo: Instituto Piaget, 1996.

MATTELART, Armand. **Mundialização da comunicação**. São Paulo: Instituto Piaget, 1999.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002a.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária**: da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MATTELART, Armand. **Un mundo vigilado**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

MATTELART, Armand; DELCOURT, Xavier; MATTELART, Michelle. **Cultura contra a democracia?** O audiovisual na época transnacional. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MATTELART, Armand.; MATTELART, Michelle. **Los medios de comunicación de masas**: La ideología de la prensa liberal en Chile. Buenos Aires: El Cid Editor, 1976.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michelle. **História das teorias de comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michelle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTELART, Armand; PIEMME, Jean-Marie. **La televisión alternativa**. Barcelona: Anagrama, 1981.

MATTELART, Armand; SCHMUCLER, Héctor. **América Latina en la encrucijada telemática**. Buenos Aires: Paidós, 1983.

MATTELART, Armand; STOURDZE, Yves. **Tecnología, cultura y comunicación**. Madrid: Mitre, 1984.

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2015.

MATTELART, Michelle. **La cultura de la opresión femenina**. Cidade do México: Era, 1977.

MATTELART, Michèle. **Comunicación e ideologías de la seguridad**. Barcelona: Anagrama, 1978.

MATTELART, Michelle. **Mujeres e industrias culturales**. Barcelona: Anagrama, 1982.

MATTELART, Michelle.; MATTELART, Armand. **La mujer chilena en una nueva sociedad**: Un estudio exploratorio acerca de la situación e imagen de la mujer en Chile. Santiago: Editorial del Pacífico, 1968.

MATTELART, Michelle.; MATTELART, Armand. **Frentes culturales y movilización de masas**. Barcelona: Anagrama, 1977.

MATTELART, Michelle.; MATTELART, Armand. **O carnaval das imagens**: a ficção na TV. São Paulo: Brasiliense, 1989.